

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

o tema proposto é abordado dos mais diversos pontos de vista, aqui e além fugindo à directriz inicial, apontando-se por vezes aspectos específicos que pouca relação parecem ter com a temática principal. Ou quiçá tal impressão seja provocada por as comunicações não estarem, nas Actas, arrumadas segundo um critério cronológico e/ou geográfico.

Compreende-se, pois, que E. Matilla estude a população semilivre do Norte de África (p. 51-58); G. Bravo, o estatuto sociopolítico do colono dentro da sociedade romana dos começos do Baixo Império (p. 59-70); que A. González, para além de fazer o ponto da bibliografia sobre a temática em análise (p. 229-237), procure definir, a partir de dados colhidos na obra de S. João Crisóstomo e na «História Augusta», a condição dos colonos no conjunto da estrutura social do Baixo Império (p. 81-93) — de resto, os dois trabalhos completam-se. Diríamos, até, que o Baixo Império é, ele próprio, um elemento catalizador de estudos vários: Ramón Teja busca uma interpretação para a lenda dos *tergemini* (p. 93-102); E. Gonzalbes relaciona a propriedade territorial e as lutas sociais na Tingitânia (p. 125-130); M. Pastor considera o carácter social do movimento bagáudico (p. 205-216).

Ainda dentro do tema do Colóquio — as relações sociais de teor não escravagista — se situam as comunicações de Alberto Prieto, analisando a *devotio*, que em seu entender se não deverá adjectivar de «ibérica» (p. 131-5); de J. Santos, relacionando as formas de dependência céltica que perduraram sob o domínio romano (p. 137-145); de J. F. Rodríguez Neila, sobre os *incolae* (p. 147-169); de J. Fernández Ubiña, focando a transição ocorrida no séc. ii na Bética do escravagismo ao regime de colonato (p. 171-179); de A. Díaz, abordando a posição assumida no Concílio de Elvira acerca das relações de dependência (p. 199-203); e, finalmente, de J. Mangas enumerando os testemunhos de clientela privada na Hispânia romana (p. 217-226). Já o trabalho de Bermejo Barrera sobre a sociedade micénica nos parece menos enquadrado (p. 9-18), assim como o de Roldán Hervas, sobre as origens da plebe (p. 19-39) ou o de García Moreno sobre a exploração agrária cartaginesa (p. 71-80) ou, ainda, o do Prof. Blázquez (p. 103-123) quando analisa a problemática económico-social patente nas obras de Gerónimo («Vida de Melânio») e de Paládio («Historia Lausiaca»).

Ai está, pois, um conjunto de dados para reflexão — e não será este o menor mérito desta obra.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Guillermo FATÁS, CONTREBIA BELAISCA (Botorrita, Zaragoza) — II — *Tabula Contrebiensis*. Departamento de Historia Antigua, Universidad de Zaragoza, 1980. 128 p., ilustr., 1300 pts.

Ocupa-se esta obra duma tábuia de bronze de 20,8 x 43,8 cm, epigrafada, encontrada na jazida celtibérica de Botorrita, na província espanhola de Zaragoza.

Conimbriga, 23 (1984), 207-227

Entregue ao autor em finais de Dezembro de 1979, o importante documento histórico foi minuciosa e persistentemente estudado, de forma que o presente volume pôde ser redigido durante o 1.º semestre de 1980, na intenção — que aplaudimos — de «facilitar prontamente aos colegas de todas as partes um estudo mínimo suficiente acerca do seu conteúdo».

Após a introdução, apontando uma panorâmica do trabalho e seus objectivos, G. Fatás dá a sua leitura do texto, que se distribui por 20 linhas; apresenta a tradução castelhana e descreve muito pormenorizadamente os *aspectos materiais* do documento (p. 15-21), detendo-se inclusive em dados técnicos referentes ao tipo de tratamento utilizado.

Detém-se seguidamente (p. 23-29) na apresentação duma panorâmica das jazidas arqueológicas da área de *Contrebia Belaisca*, *civitas* que teria sido destruída por volta de 49 a.C..

Os *aspectos epigráficos* (p. 31-41) mereceram do autor a maior atenção, dado tratar-se, de facto, duma peça «francamente excepcional» (p. 32). Interessaram-lhe os usos latinos arcaizantes, de que aduz outros exemplos; o traçado das letras possibilita-lhe o esboçar do alfabeto utilizado.

Entrando propriamente no domínio da Historia, G. Fatás analisa a problemática das localidades mencionadas, começando por frisar a necessidade de se relacionarem esses dados com os lugares conhecidos através das legendas monetárias como centros de cunhagem; daí preconizar a estreita cooperação entre numismatas, linguistas e arqueólogos neste domínio da investigação. Assim, as moedas confirmam o topónimo, *Contrebia Belaisca* ou *Balaisca*; os *Salvienses* habitariam *Salduie*, importante localidade junto ao Ebro e ao Huerva, que dominava a chegada do caminho das Gálias (p. 62); *Allavona* deverá identificar-se com Alagón na confluência do *Salo flumen* com o Ebro (p. 64); desconhece-se até ao momento a localização da *civitas Sosinestana*, eventualmente numa zona a poente do Rio Gállego, na altura ocupada quicá pelos Vascões (p. 67).

O texto da *tabula*, datado de 15 de Maio de 87 a.C., é de teor jurídico e poderá sintetizar-se assim: os *Sosinestani* venderam aos *Saluienses* um campo através do qual estes desejavam fazer passar um *rivus* e uma conduta de água. Descontentes, porém, com a transacção, feita sem o seu consentimento, os *Allauonenses* apresentaram queixa, recorrendo ambas as partes em conflito aos bons serviços duma comissão de arbitragem, constituída neste caso por representantes da povoação de *Contrebia*. A comissão considerou que os *Salluienses* tinham de pagar uma indemnização aos queixosos e o governador romano, G. Valério Flaco, aprovou a decisão (*sententia*) e fê-la executar.

Justificava-se, pois, em face disso, a análise dos *aspectos jurídicos* contido na *tabula* (p. 69-85).

O estudo *onomástico* também não é esquecido. G. Fatás realiza-o (p. 87-99) de colaboração com F. Marco, distribuindo os nomes por três áreas linguísticas: celtibérica, ibérica e vasca; cada antropónimo tem comentário à parte.

Não foram descurados, ainda, os *aspectos sócio-políticos* (p. 101-109), detendo-se o autor na organização de *Contrebia*, comentando: «Trata-se de realidades pré-romanas, que só parecerão estranhas por não terem sido documentadas até hoje; não são, no entanto, incoerentes com o panorama cultural já conhecido e não repugnam ao sentido lógico e histórico» (p. 109).

Por último, G. Fatás resume a biografia de Gaio Valério Flaco (p. 111-123), abordando os limites cronológicos da sua actividade.

Alude-se às principais fontes epigráficas e literárias. De aplaudir a boa documentação fotográfica: da placa aquando da entrega, após a primeira limpeza, no estado actual, de perfil, culminando com uma excelente fotografia a cores.

Um estudo muito completo, feito com muita humildade — digno, pois, de todo o encómio.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Supplementa Italica (nuova serie, vol. 1). Unione Accademica Nazionale. Edizioni di Storia e Letteratura, Roma 1981. 205 pág.

Vem sendo preocupação de todos os epigrafistas europeus contribuir para a actualização do CIL, de forma a colocarem ao dispor do mundo científico os importantes dados quotidianamente trazidos a lume pelo achado de novas inscrições.

Afirma Margherita Guarducci, directora da Comissão para as Inscriptiones Italiae, na apresentação deste *Supplementa Italica*, que, na Itália, das mil novas inscrições descobertas cada ano são menos de cem as publicadas, o que redunde em «prejuízo incalculável» para a ciência. Daí o aparecimento de projectos que visam reduzir o tempo que medeia entre a descoberta e a publicação dos textos epigráficos.

Neste domínio, a actividade do Instituto de Epigrafia e de Antiguidades Gregas e Romanas da Universidade dos Estudos de Roma, dirigido pelo Prof. Silvio Panciera, revela-se a todos os títulos notável. E o presente volume é mais uma prova disso.

Destinado a ser efectivo complemento do CIL — embora não redigido em Latim mas em Italiano, por uma questão de rapidez —, cada «suplemento» abrange um capítulo do CIL e é da responsabilidade de um autor.

Assim, depois da apresentação da colecção, a cargo de M. Guarducci, e dum esclarecimento de Silvio Panciera acerca da «estrutura dos suplementos», este volume abrange os seguintes capítulos:

Regio I (Latium et Campania): *Ferentinum* (Heikki Solin);

Regio VI (Umbria): *Pisaurum* (Giovanni Mennella e Giovannella Cresci Marrone);